

DURÃO, FABIO AKCELRUD (ORG.). ENTREVISTAS COM
ROBERT HULLLOT-KENTOR. SÃO PAULO: NANKIN, 2012. 96 p.

AS IDEIAS DE VERDADE NÃO TÊM AUTOR: ENTREVISTAS COM
HULLLOT-KENTOR

Matheus de Brito*

Universidade Estadual de Campinas (IEL/Unicamp)

Que um título como *Entrevistas com Robert Hullot-Kentor* soe algo estranho ao público é inevitável e, a seu modo, vem a propósito. À partida, o livro haveria de ser julgado por sua capa, na qual uma fotografia em p&b nos apresenta uma figura acasacada de que só é mesmo visível a face, uns olhos calmos focando a câmera, como se, enquanto se deixa entrever, sempre-já se prontificasse a nos devolver o olhar. Essa prefiguração de uma resposta parece dissolver a ameaça do “monólogo dirigido”, acepção usual de “entrevista”, e assim reafirmar a intenção de conversação. Apesar do reconhecimento geral em meio àqueles que estudam a teoria crítica e especialmente a obra de Theodor Adorno – e Hullot-Kentor é quase sinônimo de suas edições anglófonas –, o breve estranhamento do nome se encadeia, pois no Brasil não há senão traduções esporádicas de seus ensaios, a um outro: por que “entrevistar” um intelectual pouco familiar?

No canto superior da capa, o nome do organizador do livro absorve o primeiro estranhamento. Fabio Akcelrud Durão é professor do Departamento de Teoria Literária da Unicamp, conhecido no Brasil e no exterior por trabalhos sobre teoria crítica. No verso, um excerto da “Brevíssima nota introdutória” assegura-nos de que as entrevistas “falam por si só” – com efeito, como aquele olhar antecipado da fotografia. Mais adiante, como *senha* da edição, sabemos-la centrada na “forma com que Robert Hullot-Kentor relaciona-se com a obra de T.W. Adorno”; não encontraremos dissertações ou o eventual ventriloquismo, que proliferam em torno do filósofo, mas, em vez disso, estaremos diante da dimensão *performativa* da teoria, do que se configura como “postura de pensamento”. Essa é a importância de estreitar um autor em outra língua não com uma coleção extensa de trabalhos, que dariam uma boa quantia (talvez demasiado específica?) de informação, mas no que seria mais eficaz como *apresentação* de sua práxis intelectual. Assim, o tangencial “biografismo” do título é retificado pela posição particular que o indivíduo ocupa, tomando de empréstimo a expressão de Bourdieu, no “campo simbólico” da academia norte-americana, conforme informam-nos: além de traduzir e dedicar ensaios a Adorno, “no caso de Hullot-Kentor, o contato com o principal pensador da Escola de Frankfurt [...] funcionou como fermento para um pensamento progressista e embrenhado no presente”.

* debrito@gmx.com

“As ideias de verdade”, diz Durão, “não têm autor”. Elas “são o que é urgente em nossas mentes” (p. 17), acrescentaria Hullo-Kentor. O que está em causa, para o pensamento crítico, é “perceber que tudo o que se interpõe entre nós e a catástrofe é compreender a situação” (p. 45). No momento em que a crítica se aferrasse à sua pura forma, a força desintegradora da “negatividade”, ela regrediria e, desprovida de ideias, daquilo que determina sua substância, transformar-se-ia em mera “negação abstrata”, generalizada, fantasmática. Assim também, se é possível perceber o movimento do pensamento de Hullo-Kentor, ele deve antes ser entendido em função daquilo que tenta alcançar. Qual é o sentido de recusar, de negar alguma coisa? Esse conteúdo, a afinidade eletiva entre os que estudam Adorno e o próprio, é precisamente o teor das entrevistas, aquilo que um leitor tanto pode experienciar ao acompanhar os diálogos entre Bob e seus entrevistadores como ao travar ele mesmo sua conversa com a obra. A urgência das ideias de verdade – e isso talvez explique também o crescente interesse pela obra de Adorno – refere-se ao contexto de escamoteação do particular, da diferença concreta, na fase em que a tecnologia acelerou inimaginavelmente o progresso de integração forçada de todos os homens por meio da codificação prévia de suas vidas. A emergência, de maneira muito evidente, de uma verdadeira indústria da consciência, que se ramifica em todas as dimensões da vida social, é o pano de fundo contra o qual a figura de uma negação inassimilável ressurgiu no início do século XXI.

Fabio Durão selecionou seis entrevistas que Hullo-Kentor deu entre 2007 e 2011; um breve ensaio, no remate, foi escolhido como prova da escrita autoral. É preciso dizer que o atento trabalho de tradução levou em conta as versões já consagradas em português de alguns usos adornianos; além disso, algumas notas de rodapé explicam expressões e menções que não seriam tão evidentes ao leitor brasileiro. O mecanismo do livro é quase o óbvio: os entrevistadores, entre eles Durão, fazem perguntas – nalguns casos parece mais que discutem – ao intelectual norte-americano. Se se pode dizer que a base sobre a qual o livro foi elaborado é uma afinidade, ressonância que se tem na leitura de Adorno, também se pode dizer que ele parece construído sob a máxima (ou *Minima*) adorniana de que a “inteligência é uma categoria moral”. Essa impressão de coerência parece mais o efeito de um problema que retorna às conversas, como Hullo-Kentor diz, do que a uma intenção deliberada de impor ordem – as questões que retornam, assim estabelecendo a ressonância ou os ecos das entrevistas, são a urgência real do presente no discurso. O fluir das entrevistas mostra como o pensamento crítico não se limita à exploração de um ou mais tópicos previamente determinados, como as velhas diatribes, mas avança pela força e pela necessidade da própria interlocução. Se a inteligência é uma categoria moral, então a moralidade também deve ser por ela escrutinizada – eis o ânimo das entrevistas.

Claro está que, tanto quanto de Bob Hullo-Kentor, a qualidade da conversação depende dos interlocutores – Breixo Viejo, Chris Mansour, Fabio Durão, Paul Chan são críticos e artistas dedicados a mostrar que as coisas podem ser mais do que são. Importa também notar que, se o livro tem o título bastante sucinto de *Entrevistas com...*, algumas destas têm, por sua vez, títulos mais informativos, como “Perspectivas críticas sobre arte, política e cultura” (Chan) e “Teoria, práxis e o inexequível” (Mansour). Por outro lado, se os títulos, sendo resultado de uma seleção, têm pertinência em relação às

conversas, é importante notar também que tendem, por sua carga catafórica, a estabelecer uma coerência tão persuasiva quanto dissuasiva, no sentido de reforçarem a centralidade deste ou daquele tópico em detrimento de outros. Quando contrapostos à ausência de título das conversas de Durão e Viejo, por exemplo, nota-se como eles ajudam tanto quanto se deduz que simplifiquem; as entrevistas “I”, “II” e “III” podem ter alguns tópicos assinalados – desemprego, bem comum, arte engajada, natureza da democracia, educação –, mas isso não daria conta daquilo que realmente se passa nelas: a contradição de uma sociedade ao mesmo tempo socializada e alienada, sob o efeito do “encanto” de sua própria socialidade – em que a “multiplicidade” se torna prerrogativa para a neutralização sistemática de oposições e com isso promove a desreferencialização do espaço social –, bem como as formas como arte e educação se implicam em condições tão aporéticas quanto as nossas, em defesa daquilo que não seria meramente parte do sistema, em defesa de seu momento utópico. Uma vez que o discurso da fluidez se solidificou num imperativo – conforme o qual todos devemos nos adaptar e participar –, que postura manter? Em suma, cada elemento do “todo” da obra, da mensura das possibilidades atuais do pensamento crítico, reflete a especificidade e a concretude do que é discutido, uma constelação específica que dificilmente poderia ser representada por algo como um título.

Adorno costumava recomendar a seus alunos que sempre se perguntassem pelo “*cui bono*”, o interesse que orienta os discursos, e assim também as conversas com Hulot-Kentor devem ser lidas. Uma vez que se lhes reconheça o elemento reiterado, a crítica e suas dimensões (política, estética, cultural em sentido lato, etc.), é importante considerar os ambientes de cada conversa. Com Chan, o título bastante geral (e genérico) se deve ao fato de que a conversa se realizou a propósito do lançamento de *Things Beyond Resemblance* (Columbia University Press, 2006), uma coletânea de ensaios de Hulot-Kentor em torno do pensamento de Adorno; presumivelmente, o título apenas indica o escopo temático da obra, e não o teor da conversa. O que assim se põe a perder é como um homem se dedica a seu trabalho crítico e, com isso, o sentido concreto, terreno, da própria teoria – o que é a perspectiva sem o que, e os meios pelos quais, perspectiva-se? Uma leitura à procura de conclusões sobre arte já seria um esforço vão, e tanto mais se se trata do pensamento crítico. Já na entrevista de Mansour, o título constitui-se de uma tríade – “Teoria, práxis e o inexequível”, duas expressões já conhecidas e uma subentendida – que se particularizaria em três questões atuais, ali discutidas: como o pensamento crítico deve se introduzir e provocar, uma vez que pode, uma *experiência* para além da indústria da academia, deixando-se ele mesmo penetrar pela realidade; como se mede e contra o que a crítica se orientaria hoje, como se investiga “a obra de Adorno em busca dos locais em que vacila” (p. 68); por fim, como a arte de hoje recusaria o *status quo* ao postular como necessária a realização do irrealizável.

É difícil, tanto como isolar os temas das conversas, apontar aqui e ali as referências a Adorno, ou ao marxismo ou à teoria crítica. Para os leitores de Adorno, os diálogos podem mostrar quão material é a realidade dos conceitos e como é preciso, e efetivamente possível, ultrapassar o ventriloquismo se se quer fazer jus ao sentido da crítica. Eles mostram que discussões sobre o comportamento mimético e a imbricação do sistema na consciência dos sujeitos, a interiorização da lógica do sacrifício e a necessidade de

pensar a arte como um “ataque de cólera portátil” – aquilo que se recusa à participação na monotonia administrada – não são algo “superado”. Embora isso contrarie o interesse e a perversidade de alguns, e exatamente por esse motivo, eles estão na ordem do dia. Também a própria imagem de Adorno muda ao se conversar com Hullot-Kentor: descobrimo-lo bem menos luddista do que ficou conhecido por sua crítica ao cinema, aberto às tendências da subcultura e concretamente interessado no *jazz*, e eventualmente dançante. O mais importante, porém, o que pode mais incisivamente lançar luz sobre a obra de Adorno, é a questão de sua relação com Marx e de sua resistência à psicanálise.

A contemporânea indústria da consciência é o tema de remate. “Céu de brigadeiro” refere-se ao projeto da reconstrução do complexo do World Trade Center, faz uma denúncia da lógica da cauterização da memória na cultura norte-americana – senão na Ocidental, enquanto no encaço do capitalismo contemporâneo –, por meio da qual ela oculta e perpetua a violência universal do sistema. O artigo memorial, que possui uma função “simbólica” de objetividade fantasmagórica, proscree a possibilidade de realizar uma experiência concreta da violência passada, forçando o pensamento à camisa de força de equivalências, significações abstratas. Com o veto ao que ficou de fora, tudo é arrastado pela mesmidade, provocando o esquecimento concreto de suas próprias vítimas no instante em que faz o inventário mesmo do seu sacrifício. Essa é a participação da luz, do céu aberto (*severe clear*, “céu de brigadeiro”) de 11 de Setembro, enfatizado no projeto da Praça Facho de Luz: a perpetuação da cegueira autoinfligida, do ocultamento da violência e do esquecimento das vítimas sob a resplandecência espúria dos sobreviventes.

O último ensaio traz uma deixa para que se perceba a intenção de Hullot-Kentor, uma segura chave de leitura da sua obra. Se, por um lado, é uma pena que não disponhamos de muitos outros de seus ensaios em português, as *Entrevistas com Robert Hullot-Kentor* são um primeiro passo para a familiarização efetiva com esse intelectual e, com isso, para a compreensão da contemporaneidade da crítica. Mas, se a pergunta insiste, para que tudo isso? Robert responde que a práxis da teoria é a “percepção do que é de maior interesse” (p. 15), que ela tem por função “alçar a capacidade de familiaridade para o que possa ser verdadeiramente familiar” (p. 19). Robert Hullot-Kentor, como apresentado pelas *Entrevistas*, talvez nos seja bem mais familiar do que a princípio.



Recebido em 2 de setembro de 2014

Aprovado em 23 de janeiro de 2015